

## **A Produção Cinematográfica Maranhense: dos ambulantes ao Guarnicê<sup>1</sup>**

Jéssica Reis ARAUJO<sup>2</sup>

Bruno Serviliano S. FARIAS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA.

### **RESUMO**

O presente artigo apresenta a trajetória do cinema maranhense que se inicia com os ambulantes e seus aparelhos até a constituição dos cinemas físicos que incentivaram as primeiras produções cinematográficas. Resultando assim, no auge da produção nos anos 70 que culminou para a criação do Festival Guarnicê e produções maranhenses premiadas pelo país e no exterior. Para tal foi utilizado à pesquisa bibliográfica com base em textos existentes e jornais da época, que assim permitiu a reconstituição da linha do tempo da cinematografia maranhense.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; história; maranhão.

### **1 Introdução**

O Maranhão é conhecido pela diversidade cultural, presente na culinária indígena, nos festejos de origens africanas, na arquitetura de origem portuguesa e uma história que registra o contato e a mistura desses vários elementos ao longo de mais de 400 anos. Essa diversidade já foi cenário para diversas produções cinematográficas.

A capital maranhense possui um dos mais antigos festivais de cinema do país, o Guarnicê. Iniciado na década de 70 com o nome de Jornada Maranhense de Super 8, o festival Guarnicê é promovido pelo Departamento de Assuntos Culturais da Universidade Federal do Maranhão, recebendo competidores de todo o Brasil. Atualmente o festival de cinema de São Luís está na sua 40ª edição e dá continuidade a história do cinema no Maranhão, premiando longas e curtas metragens produzidas tanto dentro ou fora do estado.

Com o intuito de resgatar a história desses 40 anos esta pesquisa busca compreender como o cinema esteve presente em todos os períodos como forma de lazer

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do Intercom Junior do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do Curso de Design da UFMA, email: [jessica.ra@live.com](mailto:jessica.ra@live.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor dos Cursos de Design e de Comunicação da UFMA, email: [brunoserviliano@gmail.com](mailto:brunoserviliano@gmail.com)

e, com isso, produzir conhecimento sobre o cinema contemporâneo local e a construção de sua linguagem visual.

Foi utilizado da pesquisa teórica, com método bibliográfico como principal método para definir o embasamento teórico, pois segundo Gil (2010) a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado com o objetivo de analisar posições diversas em relação a determinado assunto. Para contemplar a pesquisa, foi utilizado de artigos, análise de documentos referente ao cinema ambulante e textos, entrevistas e artigos para entender as produções cinematográficas produzidas a partir da década de 1970.

## **2 As primeiras salas de cinema**

A indústria cinematográfica maranhense vive um momento de profissionalização e de expansão, com produções locais sendo apresentada em salas de cinema, cursos de aperfeiçoamento profissional, a inauguração da primeira Escola de Cinema no Estado, entre outros acontecimentos. Para se entender o atual clímax cinematográfico do estado é necessário compreender seu enredo histórico e os motivos que criaram esse cenário.

Após a primeira sessão produzida no Brasil, no Rio de Janeiro em 08 de julho de 1896, surgiram os ambulantes<sup>4</sup> que tiveram a tarefa de espalhar a novidade pelo país. Não tardou muito até que o primeiro ambulante chegasse à capital do estado do Maranhão e se tornar notícia no maior jornal de circulação da época, A Pacotilha em “03 de dezembro de 1897 com o Pantoscopio automático no largo do Carmo”. (apud CHAGAS, 2011, p.01).

Na exibição do Pantoscopio, que durou cerca de oito dias na cidade, causou surpresa nas pessoas que associavam o aparelho com forças sobrenaturais, como relata por Chagas (2011, p.03): “As pessoas, [...] tinham a sensação de medo e espanto, devido ao grau de conhecimento científico que o aparelho apresentava para a cidade”.

Quatro meses após o Pantoscopio, chegava a São Luís outro aparelho cinematográfico, o cronofotógrafo pelas mãos de Moura Quineau, fotógrafo que já havia residido na cidade, por coincidência ou jogada de marketing, o aparelho foi instalado na Rua do Sol, em uma pequena sala que hoje compreende o Fórum da Universidade Federal do Maranhão, em frente ao Teatro São Luiz, conhecido atualmente como o Teatro Arthur Azevedo, como foi publicada em 09 de abril de 1898 pelo jornal A Pacotilha:

---

<sup>4</sup> “Assim eram chamados os projetionistas que viajavam de cidade em cidade, de vila em vila, levando a novidade às populações do interior.” (NORONHA, 1987).

O senhor Moura Quineau, habil photorapho que aqui já residio, trouxe agora a esta capital a ultima invenção deste fim de século em matéria de maravilhas. É o cronophotographo de demeny, aparelho que reproduz a photographia animada com todos os movimentos naturaes. É realmente curioso e digno de ver-se o cronophotographo que o Sr. Moura Quineau vae exhibir ao publico por estas noites, no próximo domingo, á rua do Sol, em frente ao theatro. (apud PINHEIRO, et al. 2008, p. 03)

Após o cronofotógrafo, vieram mais projetores com nomes inusitados que alteraram a vida social do ludovicense que antes “se dividia entre eventos clericais, idas ao velódromo para assistir as animadas e disputadas corridas de bicicleta, entre outras atividades” (PINHEIRO, et al., 2008, p. 03). Devido a esta relevância, estes aparelhos antes exibidos por ambulantes passaram a possuir um salão, onde foram trazidos os mais variados tipos de aparelhos, provenientes de diversos lugares da Europa. No Quadro 01 possui o nome destes aparelhos com a sua respectiva permanência na cidade.

APARELHO	ANO	PERMANÊNCIA
Cronofotógrafo de Demeny	1898	07.04.98 – 15.05.98
Bioscópio Inglês	1902	13.07.02 – 09.08.02
Cinematógrafo Alemão	1902-3	18.04.02 – 01.03.03
Bioscópio Ítalo-Brasileiro	1903	24.10.03 – 12.11.03
Cinematógrafo Hervet	1904	30.04.04 – 13.05.04
Cinematógrafo Kaurt	1906	27.01.06 – 02.02.06
Aletorama		16.06.06 – 28.06.06
Cinematógrafo Parisiense		28.08.06 – 11.09.06
Cinematógrafo Hervet	1907	16.03.07 – 16.04.07
Cinematógrafo Parisiense		20.04.07 – 22.04.07
Cinematógrafo Gaumont		14.08.07 – 16.08.07
Teatro Campestre		06.10.07
Cinematógrafo Falante /Maurice e Linga	1908	30.01.08 – 12.02.08
Cinematógrafo Fontenelle		07.03.08 – 10.05.08
Cinematógrafo Norte-Americano		05.09.08 – 29.09.08
Cinematógrafo Pathé	1909	01.05.09 – 08.05.09

**Quadro 01 – Aparelhos que passaram por São Luís e sua respectiva permanência**

Fonte: editado de MATOS, 2009, p. 11.<sup>5</sup>

Os proprietários desses aparelhos colocavam pequenas notas nos jornais como neste exemplo referente ao Cronofotógrafo de Demeny:

Maravilhoso invento de Demeny  
 Photographias Animadas  
 Estréa Domingo, 10  
 Tres secções todas as noites ás 7, 8 e 9 horas, no predio n. 17 a rua do Sol, em frente ao theatro S. Luiz. Funcções surprehendentes.

<sup>5</sup>MATOS, Marcos Fábio B., **Cinema Ambulante: A Experiência De São Luís Do Maranhão**. In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Teresina, 2009.

---

Ver para crêr!

Entrada 1\$000 por pessoa com direito a cadeira (...) (MATOS, 2009).

As sessões sempre lotavam devido ao baixo custo e a divulgação por meio de jornais e panfletos. Essa movimentação de aparelhos permanece até a população ficar mais exigente, não tolerando defeitos durante as sessões ou desconfortos nas salas. Neste contexto foi construído o primeiro cinema em São Luís. De acordo com Matos (2003), a inauguração ocorreu no dia 31 de dezembro de 1909, o Cinema Pathé abriu suas portas, funcionando no prédio do Café Chic, na Rua Grande, esquina com a Praça João Lisboa. Porém, um mês antes, em 31 de novembro do mesmo ano, inaugurara, no Café da Paz, o “Cinema São Luiz”, na Praça João Lisboa. “Como se vê, o Pathé encerrou o ciclo do cinema ambulante em São Luís, mas perdeu a oportunidade de inaugurar outro” (MATOS, 2003, p.18).

Chagas (2011) ainda relata que o cinema São Luiz foi bem aceito pelos ludovicenses durante o período que esteve no Café da Paz, as salas eram sempre cheias, “pois as salas confortáveis, programações sempre variadas e preços acessíveis (entradas de 1º classe 1\$000 e de 2º classe 500 reis) permitiam o convívio social naquela localidade” (CHAGAS, 2011, p. 08).

O cinema Pálace foi outro cinema que surgiu nesse período, que era comparado com as casas de cinema da capital do Brasil, “pois a empresa não poupou esforços para construir a primeira casa de diversões com apresentações teatrais e cinematográficas” (CHAGAS, 2011, p. 09).

Os anos que se seguiram foram de declínio para o cenário do cinema maranhense, isso devido ao início da Primeira Guerra Mundial, que acabou por atingir vários países e inúmeros setores. Martins (2015) cita que “os filmes estrangeiros, que eram os principais produtos a serem exibidos no Brasil, sofreram uma carência” (MARTINS, 2015, p. 17), devido a isso em 1917 o Pálace encerrava suas atividades e o São Luiz em 1919.

No entanto em meio à crise internacional, um “rebuliço” acontecia na cidade, o surgimento do Teatro Cine Éden, localizado na Rua Grande, onde hoje funciona uma loja da Marisa. Este empreendimento trouxe entusiasmo à cidade cumprindo seu objetivo, pois era conhecido como “casa de diversão”, de acordo com Martins (2015). “Funcionou como um centro de atrações, sendo palco de variações artísticas, entre orquestras, peças de teatro, poetas, atrações estrangeiras, além da exibição de filmes” (MARTINS, 2015, p. 18).



**Figura 01 – Cinema Éden**  
Fonte: (MARTINS, 2015, p. 19)



**Figura 02 – Cinema Éden atualmente loja Marisa**  
Fonte: Panoramio. Foto: Fernando Cunha

Sobre o cinema no interior do Estado, pouco se sabe. Martins (2015) afirma “que esses questionamentos não são respondidos por conta da falta de pesquisa na área”. Isso é notado devido a uma nota do jornal A Pacotilha do dia 26 de maio de 1926 sobre a reabertura de um cinema no interior do Estado: “O cinema em Coroadá – Coroadá, 25 – reiniciou suas funções o cinema – Dias Carneiro”. (apud MARTINS, 2015, p. 18).

Na década de 1930 se percebe através dos jornais da época, quatro cinemas em mais destaque, o Cine Éden, o Cine Odeon, o Cine Olympia e o Cine Ideal. Na década de 1940 outros cinemas vão surgir na ilha, entre eles o Cine Rex, Cine Rival, Cine São Luiz, e um dos mais comentados na cidade, o Cine Roxy. Este último, localizado na Rua Tarquínio Lopes, hoje Rua do Egito, ficou mais conhecido por colocar em cartaz filmes “adulto” (MARTINS, 2015, p.19).



**Figura 03 – Cinema Roxy**  
Fonte: (MARTINS, 2015, p. 20)



**Figura 04 – Cinema Roxy, hoje Teatro da Cidade**  
Fonte: Divulgação Prefeitura

Sobre este tipo de cinema Martins (2015) comenta: “O Cine Roxy também se destacou ao trazer esses filmes de temática erótica, porém não foi o único. O Cine Monte Castelo, aberto entre os anos 1950 e 1960, também causaria polêmicas com exhibições desse tipo” (MARTINS, 2015, p. 20). Tais filmes, produto nacional, apesar da má reputação, foi sucesso, isso porque nesse período ficou famoso devido às produções

de pornochanchadas que tinham como principal função o entretenimento, além de abordar temas populares, como foi comentado anteriormente.



**Figura 05 – Cinema Monte Castelo**  
Fonte: (MARTINS, 2015, p. 21)



**Figura 06 – Prédio do Cine Monte Castelo atualmente abandonado**  
Fonte: Blog do Samir

Durante a década de 1950 eventos importantes ocorreram no Rio de Janeiro, como o “Primeiro Congresso Nacional de Cinema, seguido por outros também de repercussão no país, como o Instituto Nacional do Cinema de São Paulo” e no ano seguinte também em São Paulo o “I Festival de Cinema do Brasil” (MARTINS, 2015, p. 21). Em contrapartida em São Luís, ao que se percebe nos jornais locais, está mais ligado à perspectiva das notícias sobre os acontecimentos referentes ao cinema no resto do país e no mundo. A população da cidade comenta Martins (2015), sabe o que está acontecendo “pois sua participação é de espectadora de um cenário em expansão que ainda não achou espaço e incentivo para colocar-se no panorama nacional” (MARTINS, 2015, p. 21).

Como foi percebido, tudo que acontecia no Maranhão ocorria primeiramente na capital. As novidades primeiramente vinham e se instalavam em São Luís para depois difundir-se pelo interior. Porém, com a grande penetração do cinema, o apelo não se restringiu apenas ao assistir, mas a cultura visual cinematográfica incentivou à produção de vídeos, inclusive para ser exibido nas salas de cinema.

### **3 O início da produção cinematográfica maranhense**

A primeira aventura cinematográfica no Maranhão data no início do século XX, devido aos ambulantes, que com seus aparelhos e apresentações acabaram que por incentivar produções locais, pois alguns desses aparelhos tinham a capacidade não só de projetar filmes, mas também de registrar e criar películas, “e foi certamente o que aconteceu em terras maranhenses com os projetionistas ambulantes que por aqui passaram” (MATOS, 2003, p. 20).

A primeira máquina a fazer registros em terras maranhenses foi o Bioscópico pertencente ao senhor José Phillipe, que registrou imagens de São Luís em 1902 que foram exibidas na noite de comemoração da Adesão do Maranhão, como Pinheiro et al (2008, p. 04) relata “tal registro foi apresentado à sociedade maranhense na noite de comemoração de adesão do Maranhão à independência do Brasil”.

A segunda filmagem foi realizada em 1906, pelo proprietário do Cinematógrafo Parisiense, Rufino Coelho Júnior, que era maranhense. Em suas filmagens podiam-se ver cenas da festa de Nossa Senhora dos Remédios e imagens do encomendador Augusto Marques.

O Parisiense visitou a cidade em duas ocasiões neste ano. Na primeira temporada, de 28 de agosto a 11 de setembro, ocupou primeiro o Teatro São Luís e depois mudou-se para o Largo dos Remédios, para fazer parte das festividades comemorativas àquela santa. No largo, o sr. Rufino exibiu seus filmes nos dias 08, 09 e 10 de setembro, sempre a partir das 11 da noite, em sessões gratuitas muito concorridas. (MATOS, 2003, p. 21)

Outros registros só vieram acontecer em 1910, na fase dos cinemas como casas de espetáculos, o responsável por essas filmagens foi o Ideal Cinema, contemporâneo dos cinemas São Luiz e Pathé, o filme retratava, principalmente, paisagens litorâneas da cidade de autoria de Luiz Braga. Em 06 de outubro de 1910 a Pacotilha trazia o anúncio “E durma-se com um barulho deste! – Grande novidade Maranhense, fita ultra-comica fallante correctamente interpretada pelos nossos patrícios os srs. J.S e A.R, que se revelaram dois bons amadores. – Grande novidade!” (apud MATOS, 2003, p. 22) o sucesso foi tão grande que houve sua continuação em mais duas versões.

Uma filmagem documental de uma manifestação religiosa, do dia de São Benedito, que ocorreu dia 23 de abril de 1911, foi outro registro que ocorreu. Idealizada e executada pelos sócios proprietários do Cinema São Luiz, B. Gonçalves dos Santos e Mariano Gomes de Castro, “O filme foi exibido na cidade 23 dias após as filmagens. A partir de então, produções esporádicas foram realizadas ao longo dos anos.” (SILVA, 2016, p. 03).

Segundo Martins (2015), nos anos que se seguiram não foram esperançosos, pois os poucos filmes aqui produzidos foram realizados por pessoas de fora. Exemplo disso foi a Botelho Film, Rio de Janeiro, contratada para registrar uma partida do “Sampaio Corrêa FC” na década de 20, porém essas filmagens foram perdidas, devido a um incêndio. Em 1938, a Secretaria de Cultura e a Prefeitura de São Paulo realizaram no bairro do João Paulo um documentário sobre o Tambor de Mina Terê-Terê. Em 1940,

foi registrada uma partida do jogo do “Moto Club”, o mais antigo jogo de futebol do Maranhão ainda existente.

A partir daí, a produção cinematográfica que se segue são apenas filmes isolados, de cunho documental, registrando cenas de valor sentimental e fatos históricos, como a fita “Fábrica de Cola Jesus, Paradas Militares, Aspectos da Cidade de São Luís e a Visita de Eurico Gaspar Dutra”, feita na década de 1940 pelo cineasta amador Murilo Viana. (PINHEIRO, et al., 2008, p. 05)

Na década de 60, continuou o que já vinha ocorrendo na cinematografia maranhense, produções de pessoas de fora realizando filmes documentários. Em 1966, Glauber Rocha, solicitado pelo então governador José Sarney, produziu o documentário MA 66, no qual foi retratado a pobreza e o estado de abandono que o estado se encontrava. Esta produção marcou não só a história do Maranhão como toda a população ludovicense como Martins (2015, p.24) relata “foi exibido no cinema Éden, mas o realismo do cinema novo não agradou a população em geral que considerou a produção do cineasta um insulto à cidade”.

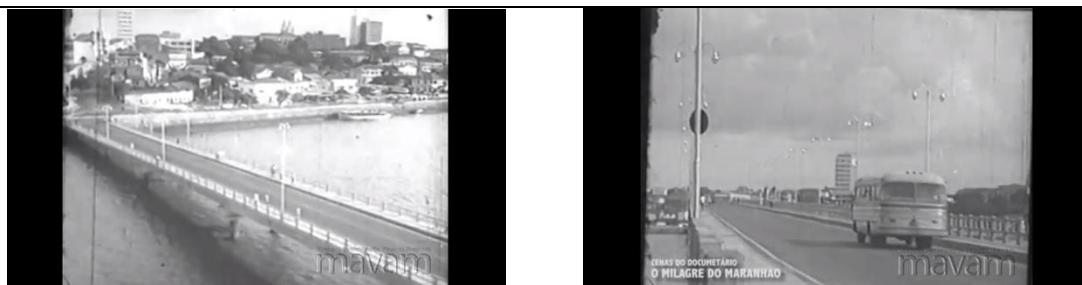


**Figura 07 e 08 – Frames do filme MA 66**

Fonte: Youtube – Recorte da Autora

Em contrapartida a este documentário, ainda o governador Sarney, de acordo com Martins (2015), encomendou a produção de outro filme intitulado de “Milagre do Maranhão”, produzido entre 1966 e 1970, fazia uma comparação com o MA 66, mostrando os avanços do estado durante o mandato que o governo trouxe aos maranhenses como a construção de diversas obras como: “a construção da Barragem do Bacanga (ligando o centro de São Luís ao Porto do Itaqui), a ponte do São Francisco (ligando o centro da Ilha ao bairro São Francisco), a construção do Batatã, para melhorar o abastecimento de água na cidade, etc.” (MARTINS, 2015, p.25).





**Figura 09 e 10 – Frames do filme O Milagre do Maranhão**

Fonte: MAVAM – Museu da Memória Audiovisual do Maranhão – Recorte da Autora

Com essas produções de documentários, mostra que o cinema estava diretamente ligado a política, pois era uma forma mais fácil de convencer a população já que os maranhenses estavam acostumados com ver filmes no cinema, a população consumia esse discurso através de imagens. Outro fato percebido era a escassez de mão de obra nessa área “as produtoras eram de outros estados, o que nos leva a crer que nosso cinema estava em estágio embrionário, havia uma produção latente que ainda não havia conseguido espaço para crescer e se destacar” (MARTINS, 2015, p.25).

Até a década de 1960, percebe-se como a produção cinematográfica consistia apenas em imagens de paisagens, não havia até então produção de ficção. Aos poucos documentários eram encomendados por empresas ou políticos locais com a intenção de propaganda. De qualquer forma, quem produziam tais documentários eram companhias de outros estados. Só a partir dos anos 1970 essa realidade muda e a produção de filmes não apenas se inicia como atinge seu ápice nos anos subsequentes.

#### **4 A produção maranhense dos anos 1970 até os dias de hoje**

Na década de 1970 o Brasil estava sob o regime militar, a liberdade de expressão era controlada pelo Estado em contrapartida acontecia uma revolução cultural que atingia diferentes segmentos artísticos. Essa efervescência ocorria inclusive em São Luís.

A Universidade Federal do Maranhão criou grupos artísticos, o primeiro foi o Coral Universitário com a intenção de cantar e encantar como recorda Cella<sup>6</sup> (2012, apud SOUSA, 2013, p.31) “Após eu ter criado, por solicitação de Josué Montello, o coral da Universidade, pensei que deveríamos desenvolver atividades na área de cinema”.

Com o Coral foi criado também a Divisão Artístico-Cultural que se encontrava dentro da antiga Coordenação de Extensão e Assuntos Comunitários (CEAC), hoje chamados de Departamento de Assuntos Culturais (DAC). O coral foi premiado no Rio

<sup>6</sup> Italiano radicado no Brasil, ex-padre, professor aposentado da UFMA e fundador do primeiro Cineclub de Maranhão.

de Janeiro e em Porto Alegre. “O sucesso do coral motivou Mário Cella a criar novos grupos: de teatro, de folclore, de música de câmara, de cinema”. (SOUSA, 2013, p. 32)

Dessa forma surgia o Laborart (Laboratório de Expressões Artísticas), um centro em que era valorizada a criação cultural que integrava os artistas e movimentos da época. Entre eles estava o estudante José Murilo de Moraes dos Santos, responsável pelo início de um ciclo de produções cinematográficas no estado, com produções de ficção e documentários “Um Boêmio no céu, Adão e Eva, Maré Memória, entre outros. Muitas dessas produções eram realizadas em câmeras super-8 mm”. (PINHEIRO et al., 2008, p.05).

Essa situação aparentava ser contraditória, afinal enquanto a liberdade de expressão era vigiada, a Universidade desenvolvia atividades artísticas, Murilo Santos, hoje professor do Departamento de Artes comenta:

A gente chegava a pensar: poxa vida, mas a gente vive em um regime militar. É até de se admirar a própria universidade propondo a criação de grupos artísticos. Claro que naquela época tinha a coisa da paranoia. Diziam assim: “criando grupos artísticos na universidade facilmente você tem o controle. É melhor do que esses grupos fora” (SANTOS, 2012, apud SOUSA, 2013, p.31).

Foi então, em 1975 que o CEAC criou o Cineclube Universitário com a intenção de envolver os universitários no desenvolvimento na cinematografia maranhense, afirma Sousa (2013). O Professor Mario Cella “reuniu jovens estudantes que marcariam uma época, como Euclides Moreira Neto, Murilo Santos, Raimundo Nonato Medeiros, Carlos Cintra e João Mendes Sampaio” (SOUSA, 2013, p. 34).

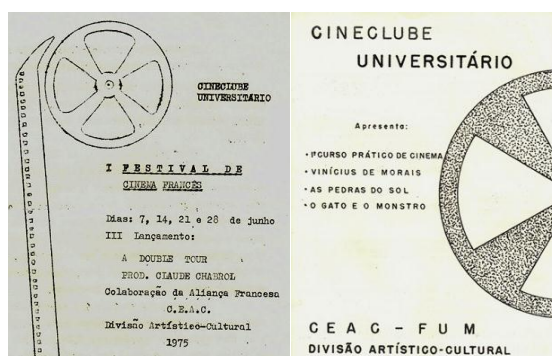


Figura 11 – Folhetos de divulgação do Cineclube Universitário (1975)

Fonte: (SOUSA, 2013, p. 32)

Nesse mesmo ano ficou caracterizado a nível nacional pelas produções de filme em formato Super 8 mm<sup>7</sup>, o que não foi diferente no Maranhão. Sousa (2016) cita que um dos destaques para o cinema maranhense foi à premiação de “Os Pregoeiros”, de Murilo Santos, que teve apoio do então cineclubes universitário e a utilização dos equipamentos do Laborart, no III Festival de Cinema – FENACA, em 1975 em Aracaju. “Esse foi o momento em que o formato Super-8 ganhou mais adeptos no Maranhão, abrindo espaço para discussões e oficinas de cinema no Estado e o reconhecimento do potencial local”. (SILVA, 2016, p.03).

Devido a esses acontecimentos, com o apoio da UFMA, o Cineclubes Universitário trouxe ao Maranhão Fernando Duarte<sup>8</sup>, um dos mais conceituados fotógrafos de cinema da época para ministrar um curso de cinema. Durante o curso foram filmadas imagens de São Luís e Alcântara, o cineasta ensinou técnicas e formas para narrar uma história e deixou alguns legados ao Cineclubes como conta Murilo Santos:

Em homenagem ao filme “Uirá, um índio em busca de Deus”, de Gustavo Dahl, filmado no Maranhão, em 1974, e que conta a história de Uirá, um índio Urubu que abandona sua aldeia no interior do Maranhão e sai em busca de Maira, o criador do mundo, Fernando Duarte fez a proposta de mudar de Cineclubes Universitário para Cineclubes Uirá. Já com o novo nome, o cineclubes passou a funcionar no Solar Nazeu Quadros, na Rua do Ribeirão e, por último, no Palacete Gentil Braga, esquina da Rua Grande com a Rua do Passeio, hoje Departamento de Assuntos Culturais da UFMA (SANTOS, 2012, apud SOUSA, 2013, p.34).

Em 1977, afirma Martins (2015), o professor Cella idealizou a I Jornada Maranhense de Super-8, como forma de ter um espaço para exibir as produções locais, por isso não era exigido um alto nível técnico dos participantes. Foram 22 inscrições, todas de curta duração e a maioria de documentários. Com exceção de dois curtas de Sérgio Guerra, todos os outros foram produzidos em solo maranhense. “Percebemos que o festival estimulou a produção local porque grande parte dos filmes data de poucos meses antes da realização do mesmo” (MARTINS, 2015, p.27).

---

<sup>7</sup> Formato lançado em 1960, a bitola super 8 mm, produzida pela Kodak, filmava em formato de cartucho. Popularizou-se por ser econômica e de fácil manuseio o que estimulou a produção de vídeos amadores.

<sup>8</sup> Cineasta e fotógrafo, que influenciou a geração do Cinema Novo, trabalhou com Glauber Rocha, Cacá Diegues, entre outros.



**Figura 12 – Cartaz da I Jornada Maranhense de Super 8, 1977.**

Fonte: (SOUSA, 2013, p. 36)



**Figura 13 – Premiação da I Jornada Maranhense de Super, 1977.**

Fonte: (SOUSA, 2013, p. 36)

Devido às poucas exigências da Jornada, as produções tinham uma qualidade técnica razoável de grande maioria de iniciantes, afirmava Sousa (2013), nesse contexto surgiu o grupo “Virilha Filmes”, com a intenção de realizar produções com a intenção de retratar a realidade de São Luís, com uso de uma linguagem cinematográfica popular.

Locais públicos, igrejas, união de moradores e a própria Universidade foram palcos de exposições itinerantes promovidas pelo Grupo, que pretendia popularizar a cultura e suscitar questionamentos sobre a realidade local. Diversos trabalhos foram realizados pelo Grupo, entre eles “A Ilha Rebelde”, de Raimundo Nonato Medeiros, Euclides Barbosa e Carlos Cintra, documentário sobre a greve da meia-passageira, em 1979. Alguns foram premiados em diversos festivais de cinema pelo Brasil, o que suscitou a ideia de transformar o grupo em uma cooperativa, mas esse projeto não se concretizou (MOREIRA NETO, 2012, apud SOUSA, 2013, p.37).

A Jornada tinha alcançado uma repercussão a nível nacional, tanto que no ano seguinte, relata Martins (2015), entre os filmes concorrentes tinham produções de Pernambuco, Paraíba e Ceará. Nesse mesmo ano houve a inscrição de duas ficções maranhenses, “uma de Ivan Sarney (Nada mais disse nem lhe foi perguntado) e outra de Djalma Brito (Rei Morto Rei Posto), e 09 documentários” (MARTINS, 2015, p.30).

Não há registros de um fim oficial para o Cineclub Uirá, segundo Santos (2012, apud SOUSA, 2013, p.38), aos poucos os integrantes foram saindo para realizar seus próprios projetos, as exposições tornaram-se raras e o cineclub deixou de existir. O Uirá deixou um legado, o que é indiscutível, como por exemplo, o Festival Guarnicê de Cinema, antiga Jornada de Super-8, que tem um reconhecimento a nível nacional.



Figura 14– Cartazes do Festival Guarnicê de Cinema em 1993,2002 e 2012

Fonte: (SOUSA, 2013, p. 39)

A partir da década de 1980, comenta Martins (2015), houve um declínio no cenário cinematográfico maranhense, não há mais registros de produções, o último datado é de 1980 “Alegre Amargor”, do grupo Virilha. O cinema Édén, até então mais antigo da cidade, vende seu prédio para as lojas Marisa. Seus equipamentos são cedidos para o Cine Tropical e com o fechamento deste, cede para o Cine Praia Grande. “Quanto à produção de filmes, a juventude que conseguiu se destacar produzindo com baixo orçamento, agora, é engolida pela indústria e o encarecimento da produção cinematográfica” (MARTINS, 2015, p.34).

Esse declínio é sentido por todo o Brasil, devido a uma crise e falta de políticas públicas, “a extinção da EMBRAFILME e da Fundação do Cinema Brasileiro, e do CONCINE, em 1990, pelo então presidente Fernando Collor de Mello, engessou a perspectiva de progresso para a cinematografia no país”, afirmar Martins (2015, p.39). Nesse período o Festival Guarnicê não conseguia mais incentivar as produções locais, se restringindo a apresentar poucos curtas maranhenses, mas teve principalmente à função de ser a janela de exibição e premiar filmes de outros estados.

A produção maranhense atualmente fica nas mãos de poucos entusiastas, como por exemplo, em 2007, o filme “Ai Que Vida”, Cícero Filho, uma coprodução entre Piauí e Maranhão, foi sucesso no Cine Praia Grande e também na pirataria com os camelôs. “É um prenuncio de uma geração inquieta do cinema que não tardaria em ultrapassar as dificuldades e mostrar-se para o mundo”, explica Martins (2015, p.43).

Apesar das dificuldades as poucas produções chegam a ser reconhecidas a nível nacional, como o curta “Vela ao Crucificado” (2009), Frederico Machado, foi um dos mais premiados, inclusive no exterior. Outro foi o “Acalanto” (2013), de Arturo Saboia, que foi a mostra Première em Cannes e recebeu 06 kikitos na 41º Festival de Gramado. Além do longa “O Exercício do Caos” (2013), de Frederico Machado, que chegou a ir

para a lista de possíveis filmes a ser indicado ao Oscar do ano de 2015. O maior sucesso de público do cinema maranhense foi “Muleque té doido!” (2014), de Erlanes Duarte, “o filme ficou em cartaz por vários meses, e superou a bilheteria de blockbusters americanos como X-Men, Malévola e A culpa é das estrelas”, comenta Silva (2016, p.04).

Apesar de a situação atual ser diferente, a inquietação por produções é similar. Porém há uma facilidade maior para acesso a informações e tecnologias, possuem festivais estabelecidos que promovam premiações e cursos ao público como o Festival Guarnicê de Cinema, o Maranhão na Tela e o Festival Internacional Lume de Cinema. Além da criação da Primeira Escola de Cinema do Maranhão, que funciona na Rua Portugal, Praia Grande, isso tudo incentiva o surgimento de novos cineastas, novas produções e estimula a formação de público.

## 5 Considerações

De acordo com a pesquisa realizada e a ordenação dos fatos, foi construída uma linha do tempo que remonta a história do cinema no Maranhão, que se iniciam apenas alguns meses da primeira exibição na França pelos irmãos Lumière.

A linha do tempo do cinema maranhense começa com sua difusão através das salas de cinema e festivais. Com a chegada dos primeiros ambulantes para exibição de filmes nas praças maranhenses. Com os primeiros maquinários foi possível registrar cenas do cotidiano.

Com o crescente público as salas de cinemas se tornaram fixas em São Luís. Os primeiros cinemas começaram a ser responsáveis pelas filmagens maranhenses até fim da década de 1910, de caráter de registro, uma vez que não havia ainda produções de ficção ou documentário.

Durante as décadas de 1920 até meados da década de 1960 a grande maioria das filmagens ocorridas em terras ludovicenses era encomendada por políticos ou empresas locais, pois os filmes eram uma mídia de rápida difusão e apelo social. No entanto tais produções foram produzidas por cinegrafistas ou estúdios de outros estados devido à escassa mão de obra local, na medida em que não havia incentivo ou disponibilização de tecnologia para tal no Maranhão.

Até que a partir da década de 1970 houve a articulação de cineclubismos, com apoio de instituições públicas, no qual resultou no ápice da criação de filmes genuinamente maranhenses que foram reconhecidos e premiados em diversos festivais a

fora, na mesma época é criado a Jornada Super 8, que depois foi chamado de Festival Guarnicê, que de certa forma acompanhou a tendência nacional de festivais com intuito de premiar e incentivar as produções locais.

Pode-se concluir que o cinema desde o seu primórdio foi uma fonte não só de lazer, mas também uma ferramenta política e cultural para o estado. Os festivais como Festival Guarnicê de Cinema, o Maranhão na Tela e o Festival Internacional Lume de Cinema vêm a incentivar novas produções que abordem diferentes assuntos sobre o cotidiano e permitem também que o Maranhão entre no circuito internacional de Cinema em meio às premiações.

## REFERÊNCIAS

CHAGAS, Ilana M. C. **As Salas de cinema como espaço de lazer na cidade de São Luís (MA), no período de 1897 a 1920.** In: II Simpósio de História do Maranhão Oitocentista. São Luís, 2011.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, Marcos Fábio B. **De paris a são luís: o percurso do cinema.** In: 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, RJ: 2003.

\_\_\_\_\_, **Cinema Ambulante: A Experiência De São Luís Do Maranhão.** In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Teresina, 2009.

MARTINS, Keyciane de Sousa. **Breves Considerações sobre o Cinema Maranhense: o Virilha Filmes (1970) e o Éguas Coletivo Audiovisual (2013).** Tese (Bacharel em História). UFMA, São Luís, 2015.

PINHEIRO, Izabella L., et al. **A greve de 79 e os primeiros passos do cinema no Maranhão: Uma super 8 na mão e uma idéia de rebelião.** In: X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. MA, 2008.

SILVA, Andréia de Lima. **Cinema, Imaginário e Identidade: análise dos filmes O Exercício do Caos (2013) e Muleque té doido! (2014).** In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2016.

SOUSA, Élide Maria Aragão. **Ciné – O pulsar coletivo dos cineclubes em São Luís.** Tese (Bacharel em Jornalismo). Faculdade Estácio de São Luís. São Luís, 2013.